UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DE ESTUDOS PARTICIPATIVOS EM SAÚDE MENTAL

Maria Aline Gomes Barboza (LAGIR/UFMG)
Regina Céli Fonseca Ribeiro (LAGIR/UFMG)
Izabel Christina Friche Passos (LAGIR/UFMG)

Esse trabalho apresenta a metodologia de análise utilizada em uma revisão de literatura que estudou o grau de participação do usuário na produção de conhecimento científico no campo da saúde mental no Brasil*. Este estudo nos permitiu concluir que no Brasil ainda é pequeno o investimento em estudos participativos nos quais o usuário esteja implicado em todas as suas fases, desde a concepção até a análise e divulgação dos resultados. Esperamos com este trabalho contribuir no sentido de problematizar essa produção e de provocar novas reflexões sobre o tema. O paradigma da Atenção Psicossocial, marcado pela horizontalização nas relações de poder, impõe um desafio que precisa ser enfrentado: como envolver os diferentes atores, usuários, trabalhadores, gestores e pesquisadores na produção do conhecimento.

A análise dos dados baseou-se em uma categorização de diferentes formas de participação do usuário em pesquisas inspirada nos três enfoques historicamente definidos para a prática de entrevista de pesquisa (MACHADO, 2002) e na fundamentação teórico-metodológica de autores que tratam de pesquisa-ação e pesquisa-intervenção, reconhecidamente participativas em seus fundamentos (THIOLLENT, 1999; 2000; BRANDÃO, 1999; MACHADO, 2002; 2004).

Machado (2002) delimita três tipos de enfoques possíveis em uma situação de entrevista tomando como referência central o grau de interação pesquisador/pesquisado. No primeiro enfoque a entrevista tem por objetivo a busca por respostas objetivas e que podem ser quantificáveis. As perguntas e a forma de registro das respostas pelos pesquisadores devem ser padronizadas e acredita-se que o rigoroso treinamento destes garante o controle do processo da entrevista e da padronização dos dados coletados, geralmente por meio de questionários e escalas. Nesse enfoque, o entrevistado é um

* "A participação de usuários de saúde mental na produção do conhecimento no campo da Atenção Psicossocial no Brasil: uma revisão exploratória da literatura" (no prelo). O resumo dos resultados desse estudo foi submetido na modalidade pôster para exposição durante o VI Simpósio de Saúde Coletiva e Saúde Mental e Iº Encontro Internacional de Grupos de Pesquisa e Intervenção.

informante secundário, ou seja, selecionado por algum critério aleatório ou estatístico. O grau de interação com o pesquisador é mínimo, mesmo que o método de coleta de dados seja a entrevista semiestruturada (MACHADO, 2002). O segundo enfoque de entrevista apresentado por Machado (2002) enfatiza a apreensão do significado dado pelo entrevistado sobre temas relacionados ao problema pesquisado, este definido pelo pesquisador. Aqui a padronização da pergunta não é o mais importante, "mas a padronização do seu significado para o entrevistado, que é tomado como um sujeito a-histórico, que controla o que diz e a quem se permite uma expressão livre" (MACHADO, 2002, p.34-35). O terceiro e último enfoque de entrevista apresentado por Machado (2002) valoriza a interação pesquisador/pesquisado e permite obter o discurso de sujeitos sócio-históricos. O entrevistado é considerado sujeito único e central no processo. Os dados são coletados de forma não diretiva e a qualidade da entrevista está diretamente relacionada à qualidade da interação estabelecida. Essa maneira de pensar a situação de entrevista está presente na concepção da pesquisa-intervenção psicossocial (MACHADO, 2004).

No primeiro enfoque foram incluídos os estudos epidemiológicos; os estudos que, apesar de apresentarem simultaneamente métodos quantitativos e qualitativos, deram ênfase aos dados produzidos por meio da metodologia quantitativa; e os estudos nos quais o usuário foi inserido apenas como sujeito respondente de pesquisa que forneceu informações para subsidiar o estudo de questões relacionadas ao serviço e às políticas de saúde, por exemplo.

Os estudos enquadrados no segundo enfoque foram aqueles que utilizaram métodos de coleta mais interativos que os anteriores, como a observação sistemática, a observação participante, os grupos focais e as entrevistas semiestruturadas, mas que mantiveram a participação do usuário somente na fase de coleta dos dados. Pesquisas caracterizadas como pesquisa-participante, conforme definições de Brandão (1999) e Thiollent (1999, 2000) foram incluídas nesse enfoque.

Thiollent (2000, p. 07) considera que as metodologias pesquisa-participante e pesquisa-ação não são sinônimas, uma vez que a última "supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa-participante". Além disso, apesar do autor não restringir a concepção e o uso da pesquisa-ação a "uma orientação de ação emancipatória e a grupos sociais que pertencem às classes populares ou dominadas", a pesquisa-ação pode ser

considerada como “forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares” (THIOLLENT, 2000, p. 14) sendo

> concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 2000, p. 14).

Embora Thiollent (2000) faça essa distinção, reconhece que as duas propostas – pesquisa-ação e pesquisa-participante – buscam ser alternativas ao padrão convencional de pesquisa. Essa distinção entre pesquisa-participante e pesquisa-ação define os limites entre o enfoque 2 e o enfoque 3 propostos neste trabalho.

Para Thiollent (2000, p. 15), a pesquisa-participante é baseada em uma

> metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem melhor aceitos. Nesse caso, a participação é sobretudo participação dos pesquisadores e consiste em aparente identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para sua aceitação pelo grupo considerado.

No enfoque 2, registramos estudos que apresentaram objetivos próximos ao que propõe a pesquisa-intervenção ou a pesquisa-ação, porém não foi possível identificar a coparticipação do usuário na construção do problema e objetivos da pesquisa, assim como nas reflexões e registros finais do processo de produção de conhecimento. Por essa razão, qualificamos esses trabalhos como participativos, mas não coparticipativos, por não terem indicado no texto a interação e o compartilhamento de ações e de decisões, presentes nas propostas metodológicas da pesquisa-intervenção e da pesquisa-ação. A intenção de uma participação mais ampla e compartilhada entre todos os atores e em todas as fases do processo de pesquisa está presente parcialmente no terceiro enfoque.

A opção metodológica da pesquisa-intervenção psicossocial considera a ampliação do escopo da clínica e é fundamentada pelas contribuições teóricas da psicologia social e de correntes institucionalistas, como a Análise Institucional, a Psicossociologia, a Sócioanálise, a Esquizoanálise, etc. (BAREMBLITT, 2002). Segundo Baremblitt (2002), o objetivo máximo dos movimentos institucionalistas é a auto-gestão, o que coloca o engajamento ético-político dos participantes como elemento central.

Segundo Machado (2004) só é possível a realização da pesquisa-intervenção psicossocial a partir do estabelecimento de relações de colaboração entre pesquisadores e pesquisados caracterizadas pela atuação conjunta nas análises, interpretações e reflexões ao longo de todo o processo de pesquisa. Os sujeitos pesquisados "não apenas demandam a intervenção, mas também analisam, elaboram suas representações do conjunto social, da pesquisa-intervenção, da interação estabelecida" (MACHADO, 2004, p. 15). Dessa forma, todos são agentes da pesquisa e da intervenção na medida em que buscam solucionar os problemas do contexto social estudado e aqueles presentes no processo de mudança social. A pesquisa-intervenção aprofunda os questionamentos de pressupostos gerais da pesquisa científica, como verdade, objetividade, universalização de saberes, já desenvolvidos pela pesquisa-participante (BRANDÃO, 1999; ROCHA, 2006).

Encontramos aqui aproximações com a proposta da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1999; 2000) que, além de problematizar a relação pesquisador/pesquisado e teoria/prática, apresenta, como já exposto, a preocupação em unir investigação e ação.

Em resumo, as características da pesquisa-ação que inspiraram a definição do enfoque 3 são: a) a prioridade dos problemas a serem investigados é decidida na interação entre todas as pessoas implicadas na situação investigada; b) a interpretação da realidade observada e as ações de transformação são objetos de deliberação conjunta; c) há um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos (e pelos) atores da situação; d) a pesquisa não se limita à ação, apesar da estar centrada na questão do agir: "pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados" (THIOLLENT, 2000, p.16).

As duas propostas teórico-metodológicas apresentadas acima fundamentaram a definição do terceiro enfoque, nomeado em nosso estudo como coparticipativo. Neste enfoque foram incluídos os trabalhos que apresentaram processos de pesquisa que mais se aproximaram da pesquisa-intervenção e pesquisa-ação e/ou que apresentaram a participação de usuários também nas etapas iniciais e na construção teórica final da pesquisa.

As características da ampla interação em espaços democráticos entre os diferentes atores da pesquisa, a ênfase no engajamento ético-político dos sujeitos, em especial de usuários e familiares, e o compromisso com a mudança são as principais características do enfoque 3.

Referências

BAREMBLITT, G.F. Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: Teoria e prática. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.

BOURDIEU, P. *Contrafogos.* Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRANDÃO, C.R. Repensando a Pesquisa Participante. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MACHADO, M. N. M. Entrevista de Pesquisa: a interação pesquisador /entrevistado. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. 152 p.

MACHADO, M. N. M.. Práticas Psicossociais: pesquisando e intervindo. Edições do Campo Social, Belo Horizonte, 2004.

ROCHA, M. Psicologia e as práticas institucionais: A pesquisa-intervenção em movimento. Psico, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 2,p. 169-174, maio/ago,2006.

THIOLLENT, M. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In.: BRANDÃO,C. R. Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1987,p. 82-103.
THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez. 2000.